

# **ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE**

## **EDITAL RESIDÊNCIA NA FLORESTA**

**Eixo do mundo e morada dos deuses: diálogos sobre Antropofagia,  
Refluxos e Epistemicídios na floresta**

**Relatório Crítico das intervenções de Novembro- 2022**

**Residentes: Rosemeri Maria da Conceição  
Roberta Cunha Azevedo de Souza  
Curador responsável: André Sheik**



# **ESTRUTURA**

**Introdução 3**

**A Proposta de intervenção 4**

**Justificativa: por uma outra História 6**

**Descrição da instalação e da performance 14**

**Obras e fontes citadas 16**

**Texto da Performance 18**

**Anexos 22**

# Introdução

Este relatório integra o conjunto de contrapartidas necessárias à conclusão das atividades do Edital de Residência na Floresta, realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, entre os meses de setembro a novembro de 2022.

Apresentamos um Relato Crítico com as etapas da pesquisa,, o desenvolvimento e a conclusão das intervenções, a saber: a instalação **Tempo** e vídeo performance **Poéticas para Acordar a Casa Grande**, realizadas nas dependências desta instituição no mês de novembro.

# A Proposta de intervenção

Com base nas pesquisas sobre a História da escravidão no Brasil do século XIX, que inclui a atuação das elites escravistas no tráfico legal e ilegal de escravizados, esta proposta visita a história do casarão que hoje abriga a Escola de Artes Visuais do Parque Lage com o objetivo de retomar as memórias dos trabalhadores escravizados que ali viveram, assim como de outros, que dispersos em suas inúmeras propriedades contrubuíram para riqueza e o luxo de várias gerações da família.

Para as discussões sobre o direito à memória dos povos afro-diaspóricos e indígenas, contamos com as contribuições teóricas trazidas pelos descendentes de judeus vítimas pelo holocausto e das críticas ao Colonialismo presentes nas obras de Aimé Césaire e Frantz Fanon.

A metodologia encontrou suporte em ações semelhantes realizadas nas performances *Ecko e Narciso* (2020) de Grada Kilomba e *A Água é uma máquina do tempo* da artista Aline Motta (2022). Em comum temos a crítica à racionalidade ocidental de tempo linear, para invocar concepções que forjam o tempo cíclico e o passado presente.

# Justificativa: por uma outra História

No Brasil, dentre alguns grupos, há uma romantização tão grande da escravidão que tendemos a representá-la sempre associada a imagens de grandes fazendas nas quais viviam centenas de escravizados dispersos em amplos campos verdes ou ainda a grandes casarões, onde jovens senhoras se dividiram entre o bordado e as aulas de francês.

Este mesmo fascínio permitiu que apagássemos de nossa memória visual, os rostos daqueles que durante séculos, tiveram em seus corpos a fonte de tal riqueza e cujas mãos lavando, limpando, polindo e construindo fizeram o luxo das casas senhoriais.

Segundo Thiago Mantuano a história da família Lage remonta ao ano de 1810 e o patrimônio se origina na venda de ferrosos e obras de arte trazidos de Minas Gerais para a Corte. Alguns anos, já são vistos como possuidores dos maiores armazéns de metais da cidade.

Fato comentadíssimo à época, marco de seu grande salto financeiro, foi a aquisição de uma ilha - a Ilha das Enxadas. Segundo consta, foi a partir dela que passaram a concentrar todas as atividades de armazenagem, praticamente monopolizando grande parte do reparo e abastecimento dos navios que entravam na Baía de Guanabara. Este fato antecede ao casamento com a francesa Isabel Labourdonnay e a transferência para a Corte, ocorridas no ano seguinte.

Importante frisar que foi na Ilha das Enxadas, localizada em frente à Praça Mauá, que se concentraram grande parte dos negócios de carvão, tocados por eles, agora com maior capacidade de armazenagem, carga e descarga, além de se beneficiar pela passagem obrigatória de todos os saveiros, lanchas, botes e escaleres e ainda a presença dos grandes transatlânticos, os quais abastecia com água ou mercadorias.

Os dados guardados na Junta de Comércio e nos inventários revelam que toda a família, seja o primeiro Antônio Martins Lage, passando pelo Comendador Antônio Martins Lage e incluindo Antônio Martins Lage Filho, reunia sempre ao seu redor um número incomum de escravizados. O número surpreende mesmo em comparação com outras famílias abastadas. Estes eram comprados ou alugados de outros proprietários, para atuarem em suas residências, nos serviços portuários ou de navegação.

Na leitura dos registos encontramos alguns rostos, nomes e informações sobre a situação na qual viviam:

No jornal do Comércio do dia 07 de abril de 1878, chega a notícia sobre a disputa de um homem chamado Manoel:

Manoel (...) este foi alugado desde o dia 07 de abril de 1874 até 27 de abril de 1875 ao Comendador Antônio Martins Lage, na Ilha das Enxadas.

Os jornais fazem crer também que a vida dos escravizados nas propriedades dos Lage, como também se verificava em outras parte das cidades coloniais, era das piores. Mantuano cita que entre os anos de 1865 e 1868 a Antônio Martins Lage e Company perdeu 38 escravizados, dos quais infelizmente não temos os nomes.

A julgar pelo que vem sendo citado como causa mortis da população escravizada para este período, temos:

Dos anúncios de escravizados fugidos da Ilha das Enxadas, publicados no Jornal do Comércio, chegam alguns rostos e nomes:

*ESCRAVO FUGIDO- Desapareceu da Ilha das Enxadas, desde abril de 1860, o preto Antônio, crioulo, escravo da Viúva Lage e Filhos, o qual se desconfia ter ido para serra acima; se alguém dele souber, participe na Rua Bragança 4, que será generosamente gratificado.*

O mesmo autor cita ainda relatos de afogamentos, com novos atores:

*Apareceu boiando no mar o cadáver do preto Francisco, escravo de Antônio Martins Lage, que no dia 29 do mês próximo findo , caiu no mar .*

*Ontem, às 7 da manhã, o preto Joaquim, escravo de Antônio Martins Lage, vindo de bordo da barca italiana Elisa, para a Ilha das Enxadas, caiu no mar e afogou-se, apesar dos socorros que o administrador daquela ilha prestou.*

O cotidiano que marcou a vida do grande número de escravizados que durante tanto tempo serviu nas dependências do casarão dos Lage pode ser achado nos relatos dos inúmeros viajantes que estiveram na cidade durante o século XIX.

Rugendas em 1821, também agrega e afirma que "grande parte da população escrava do Rio de Janeiro acha-se empregada em serviços domésticos, com pessoas ricas ou de posição. É um artigo de luxo, inerente antes à vaidade do senhor do que as necessidades da casa.

Avé Lallemand, que visitou várias províncias brasileiras, em 1858 foi ainda mais enfático: "Tudo que corre, grita, trabalha, tudo que transporta e carrega é negro".

No Rio de Janeiro, para Ynaê Lopes dos Santos, a dinâmica das atividades incluía a obtenção de água para a lavagem de roupas, o que acontecia nas diferentes fontes da cidade, sobretudo nos arredores do Campo de Santana e nos rios próximos. Já a busca de água para beber, comida e banho impunha o deslocamento para chafarizes, fontes e aquedutos.

Sobre a condição de moradia destes escravizados, ela diz:

*As descrições feitas pelo viajante não permitem examinar com detalhes como eram esses quartos de escravos – suas dimensões, a existência ou não de janelas, etc. -, mas deixam claro que a função escrava nessas casas estava assentada no trabalho, que era parte organizadora da estrutura de muitas residências cariocas. A segmentação do interior dessas casas era tamanho, que é possível que nesses cômodos também ficassem os cativos que executavam tarefas nas ruas cariocas, já que a mobilidade característica da atividade do ganho não atrapalharia a circulação nos espaços das casas senhoriais. Assim como parcela significativa dos cativos domésticos, os escravos ao ganho que habitassem a casa senhorial apenas circulariam no que Debret chamou de área de serviço. Baseando-se nesses relatos, Karasch afirmou que, no Rio, a moradia escrava era muito ruim, pois os cativos estavam destinados aos porões das casas de dois andares, ou então aos “cubículos escuros” separados por finas divisões e localizados perto da cozinha.*

Foram justamente estas péssimas condições de abrigo, aliada à alimentação miserável e alguns outros fatores que impuseram a alta mortalidade que impunha a constante necessidade de importação.

Gastroenterite, enterite e pneumonia também eram frequentes, do mesmo modo que os problemas causados por vermes e parasitas intestinais. Comumente, essas doenças eram agravadas por carências nutricionais, assim como pelo trabalho extenuante e pelos castigos aos quais eles poderiam estar submetidos.

À multidão de pessoas cativas que atuava nos serviços domésticos, na carga e descarga de mercadorias nos portos e nas ruas, devemos somar aquelas que trabalhavam nas obras públicas, nos serviços urbanos, no comércio a retalho, no artesanato, nos espaços estabelecimentos comerciais e a cargo do próprio Estado Imperial. Deste grupo fazem parte os 06 escravizados utilizados no replantio da Floresta da Tijuca.

A atuação de Eleutério, Constantino, Mateus, Leopoldo, Maria e do menino Manuel ocorreu durante as graves crises de abastecimento de água que marcaram a Corte como resposta à seca causado pela opção da monocultura de cana e café e seus impactos.

# Descrição da Instalação e Performance

Desde o início da Residência na Floresta fizemos menções a Iroko que segundo os contos africanos foi uma das primeiras árvores cultuadas na humanidade.

Pelas crenças existentes, embora não fosse sagrada, assim se tornava cada vez que servia como assento para uma divindade. Sua aparência frondosa, atraía lenhadores, para em seguida perseguir-lhes. Ademais, na casa onde existissem objetos feitos com sua madeira, gemidos e ruídos estranhos seriam ouvidos durante à noite, feitos por um espírito que habitaria em seu interior e que portanto reclamaria por não mais poder vagar pela floresta carregando a sua tocha.

A partir desta cosmovisão, a árvore é símbolo das relações que se estabelecem entre a terra e o céu, morada de todos os elementos: a água que circula com suas seivas, a terra que entrega o seu corpo através das raízes, o ar que lhe nutre as folhas e a madeira que através do atrito, brota o fogo.

Para invocar sua atuação como elemento mágico, responsável pelas teias que unem presente e passado, ayé e orum (céu e terra), optou-se pela construção da instalação, **Tempo**.

Durante algumas semanas a artista Roberta Cunha se dedicou a coletar, tratar as madeiras, comprar corantes e demais ferramentas necessárias para sua construção. Na tarde de 29 de novembro os cabos foram suspensos na Cavalariça da instituição e no dia seguinte a instalação foi finalizada, fotografada e desmontada.

Suas raízes são de uma espécie Ficus sp, retirada de uma árvore caída no próprio parque. Tais raízes foram suspensas com cabo aço, em volta delas foram enrolados cipós e Tillandsia usneoides, popularmente conhecida como barba de velho.

No mundo material da Floresta da Tijuca, suas tramas podem ter servido de cura e abrigo para africanos escravizados que em períodos de fuga, encontravam abrigos nas fendas produzidas nos caules das árvores desta espécie:





Os cruzos entre Arte e Memória, permitiram a elaboração da video performance **Poética para acordar a Casa Grande** que dará a partir da leitura de um texto texto construído com trechos das informações oriundas da pesquisa histórica, do poema da escritora Conceição Evaristo e da letra da canção A mão da Limpeza do compositor de Gilberto Gil.

A leitura será acompanhada da projeção sobre a artista de imagens de homens e mulheres escravizados que trabalhavam no Rio de Janeiro do mesmo período, das imagens da Ilha das Enxadas onde muitos viveram e morreram e de anúncios que trazem os nomes de alguns escravizados que pertenceram à família Lage.

A leitura será acompanhada da projeção sobre a artista de imagens de homens e mulheres escravizados que trabalhavam no Rio de Janeiro do mesmo período, das imagens da Ilha das Enxadas onde muitos viveram e morreram e de anúncios que trazem os nomes de alguns escravizados que pertenceram à família Lage.

## Obras e fontes citadas

Grada Kilomba : desobediências poéticas / curadoria Jochen Volz e Valéria Piccoli ; ensaio Djamila Ribeiro. -- São Paulo : Pinacoteca de São Paulo, 2019.

MOTTA, Aline. A água é uma máquina do tempo. São Paulo, Círculo de poemas, 2022.

Para o conjunto destas discussões ver: HEYMANN, Luciana; ARRUTI, José Maurício. Memória e reconhecimento: notas sobre disputas contemporâneas pela gestão da memória na França e no Brasil. In: GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MONTEIRO, Ana Maria (org.). Qual o valor da História hoje? Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/6305947/Memória\\_e\\_reconhecimento\\_notas\\_sobre\\_as\\_disputas\\_contemporâneas\\_pela\\_gestão\\_da\\_memória\\_na\\_França\\_e\\_no\\_Brasil](https://www.academia.edu/6305947/Memória_e_reconhecimento_notas_sobre_as_disputas_contemporâneas_pela_gestão_da_memória_na_França_e_no_Brasil). Acesso em: 5 jun. 2021.

Nos valem da pesquisa e das informações coletadas por FONSECA, Thiago Vinícius Mantuano da. Comendador Antônio Martins Lage: entre a navegação. Dissertação de Mestrado, UFF, 2017, p. 279. MANTUANO, THIAGO. A Ilha das Enxadas Sob Domínio da Família Lage (1823 -1882). H-industri@ (B. Aires) , v. 26, p. 1-15, 2020.

MANTUANO, Thiago Vinícius . Comendador Antônio Martins Lage: Entre a História Oficial e a Real Formação da Burguesia Brasileira. In: XXIX Simpósio Nacional de História, 2017, Brasília. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História, 2017.

FRONSECA, Thiago Vinícius Mantuano da. Comendador Antônio Martins Lage: entre a navegação. Dissertação de Mestrado, UFF, 2017, p. 339.

Jornal do Comércio, 13/05, 1862.

Diário do Rio de Janeiro, 04/10/1873.

Diário do Rio de Janeiro, 09/05/1875.

Robert Avé Lallemand, Viagem pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (1859). Belo Horizonte/São Paulo, 1980. p. 22.

SANTOS, Ynaê Lopes. Além da Senzala, arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro. (1808-1850).Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP, 2006, p. 84.

PIMENTA, Tânia Salgado. Doenças. IN: SCHWARCZ, Lilia; GOMES, Flávio dos Santos. Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. pp. 204-211.

Disponível em  
<https://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2019/09/02/153717-o-tempo-em-que-o-rio-de-janeiro-secou-apos-destruir-floresta-por-cafe.html>

# Texto da performance

É no tempo cósmico que encontramos as pessoas que construíram este casarão. Lugar

que vocês tanto gostam.

Elas estão aqui para nos lembrar que suas mãos, pés e lágrimas também devem fazer parte desta festa.

Nas cidades escravistas “Tudo que corre, grita, trabalha, tudo que transporta e carrega é negro” No Rio, era a mão escravizada que Passava a vida limpando O que o branco sujava

E como em muitas de outras casas na propriedade dos Lages-

Seja o primeiro Antônio Martins Lage, passando pelo Comendador Antônio Martins Lage e

incluindo Antônio Martins Lage Filho

TODOS reuniram um número incomum de escravizados

GENTE comprada ou alugada de outros proprietários,

para atuarem nos seus portos, seus navios

Mas muita, muita gente mesmo

ficou aqui nos serviços domésticos,

assentando o piso, carregando água, cortando tijolo

Nesta casa, ouços os cantos da ópera de Gabrielle

Mas ao fundo

Está também a voz de minha mãe

Lá no fundo das cozinhas alheias

debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos

Então, a ópera me chega junto ao som dos gemidos, trazidos pelas doenças que os comprados- alugados tinham.

Os documentos falam em Gastroenterite, pneumonia e febres- outras tantas doenças por vermes e parasitas.

Hoje, o som do mau dormir me chega em tom de ópera.

Olhem só, vejam outro que está aqui:

ali naquele canto,

Empurrando a moça que gosta de fazer boicotes cotidianos,

É ele o Menino Manuel

Ao lado de sua mãe Maria,

Veio e trouxe Eleutério, Constantino, Mateus e Leopoldo

Por treze anos ficaram plantando, reflorestamento a Tijuca para que todos tivessem água.

Vejo também Francisco,

sabemos que era preto, pertencia a eles e que caiu no mar.

Estas pessoas, mãos corpos e trabalho  
Não estavam na casa, diretamente  
Eles são memória lá de perto da Praça Mauá,  
São personagens da Ilha das Enxadas.  
Local estranho, de mar aberto e profundo.  
Mas Também fonte da riqueza e do luxo que vcs adoram admirar.  
Local estranho sobre o qual poucos querem biografar  
No jornal saiu assim:

*Desapareceu da Ilha das Enxadas, desde abril de 1860, o preto Antônio, crioulo, escravo da Viúva Lage e Filhos, o qual se desconfia ter ido para serra acima; se alguém dele souber, participe na Rua Bragança 4, que será generosamente gratificado.*

Então Francisco teve sorte;  
Porque contam que entre os anos de 1865 e 1868 a Antônio Martins Lage e Company

perdeu 38 pessoas, escravas- escravizadas- sumidas-esquecidas-sem rosto-  
Gente da qual Só conhecemos a mão.

Negra é a vida consumida ao pé do fogão  
Negra é a mão  
Nos preparando a mesa  
Limpendo as manchas do mundo com água e sabão  
Negra é a mão.

Vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
No ontem, no hoje, no agora  
A minha voz ainda  
ecoava versos perplexos  
com rimas de sangue e fome.  
Esta é uma invocação das herdeiras da dor, pelo direito à memória de  
todos os  
ausentes/presentes  
cujas vozes e memórias continuam aqui.

# Anexos

## Vozes-Mulheres Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.

(In: Poemas de recordação e outros  
movimentos, 3.ed., p. 24-25)

# A Mão da Limpeza- Gilberto Gil

O branco inventou que o negro  
Quando não suja na entrada  
Vai sujar na saída, ê  
Imagina só  
Vai sujar na saída, ê  
Imagina só  
Que mentira danada, ê  
Na verdade a mão escrava  
Passava a vida limpando  
O que o branco sujava, ê  
Imagina só  
O que o branco sujava, ê  
Imagina só  
O que o negro penava, ê  
Mesmo depois de abolida a escravidão  
Negra é a mão  
De quem faz a limpeza  
Lavando a roupa encardida, esfregando  
o chão  
Negra é a mão  
É a mão da pureza

Negra é a vida consumida ao pé do  
fogão  
Negra é a mão  
Nos preparando a mesa  
Limpando as manchas do mundo com  
água e sabão  
Negra é a mão  
De imaculada nobreza  
Na verdade a mão escrava  
Passava a vida limpando  
O que o branco sujava, ê  
Imagina só  
O que o branco sujava, ê  
Imagina só  
Eta branco sujão

# Drive com a gravação da performance:

[https://drive.google.com/drive/folders/1NsmiywGsyEe0MRVzminf22pG761P7sHd?  
usp=share\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1NsmiywGsyEe0MRVzminf22pG761P7sHd?usp=share_link)